

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 661	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 DE MAIO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

O ATTENTADO CONTRA O REI DE ITALIA



S. M. O REI HUMBERTO I DE ITALIA



CHRONICA OCCIDENTAL

Quando encerravamos a chronica do ultimo numero, abriam-se os salões do antigo solar dos marquezes de Abrantes, hoje residencia do sr. conde de Ormesson, ministro de França, em Lisboa, e n'elles recebia o illustre diplomata a flôr da aristocracia portugueza, n'um esplendido baile *en costume*.

N'aquellas grandiosas salas resurgiram festas d'out'ora, depois de tantos annos de recolhido silencio. As valsas doudejantes acordaram os echos dos ultimos minuets graves e gavotas que ali resoaram n'outros tempos; sob aquelles tectos estavam bem os trajes dos principios do seculo, que muitas das damas que ali foram vestiam, e que melhor se harmonisavam com a decoração da casa; os homens de calção e meia e casaca de côres, concorriam para completar a illusão de estarmos assistindo a uma festa do principio do seculo. Grande profusão de *costumes* elegantissimos constituiu um dos maiores attractivos do baile e entre estes não deixaremos de mencionar, pela elegancia e bom gosto, os seguintes:

Condessa de Ormesson, á *Louis XV*; mesdemoiselles de Ormesson, uma de *Arlesienne*, outra de *Pavot*; viscondessa de Fontenay, de *Oiseau bleu*; madame Allizé, de *Arlequine*; D. Carolina Seisal, de *Incroyable*; madame Thornton, de *dama do reinado de Isabel de Inglaterra*; D. Leonor Ressano Garcia, de *marquise Luiz XVI*; princeza de Cariatti, de *mademoiselle de Montpensier*; D. Maria Sabugosa, de *Polichinelle*; madame Korostowetch, de *grega*; madame Bruno, á *antiga*; D. Marianna Guimarães, de *dama do seculo XVIII*; D. Anna de Mendonça, de *Anna d'Austria*; mademoiselle Empis, á *directorio*; D. Josephina Ribeiro da Cunha, de *grega*; D. Alicé Navarro, de *bouquetière Louis XV*; Henriqueta Navarro, de *madame Choyanthème*; D. Bertha de Bastos de bretã; mademoiselle Guerra, de *Drapeau français*; mademoiselle Deslandes, de *Pierrette*; D. Pilar de Castro, de *hespanhola, á Goya*; mademoiselle Godines, de *aragoneza*; D. Maria Portugal de Faria, de *Aurora*; viscondessa de Silveiras, de *marquise Louis XVI*; D. Anna Pindella, de *Fiancée villageoise*; D. Rita de Carvalho de *Carmen*; D. Marianna Oliveira, de *madame Récamier*; D. Sophia Bastos, de *Poupée*; D. Izabel Ornellas, á *directorio*; D. Celeste Jardim (Valenças), de *elegante Incroyable, do directorio*, e sua irmã D. Estella com um soberbo e riquissimo *costume veneziano do tempo da Renascença*; D. Guadalupe de Castro, de *Andaluza*; condessa de Paraty, madame Valente e madame Anna de Serpa, de *Pompadour*; mademoiselle Paraty e D. Adelaide de Sousa, de *soubrette Louis XV*; D. Palmyra Feijão á *Luiz XVI*; D. Maria Luiza Pimentel Pinto, á *antiga*; D. Maria Thereza O'Neil, de *Polichinelle*; mesdemoiselles Oliveiras, uma de *cigana*, e outra de *turca*; condessa de Gouveia, á *Luiz XV*; mademoiselles Guedes, de *Paysanne*; viscondessa de Alferrade, de *Pompadour*; mademoiselle Coruche, á *1830*; D. Maria Carlota de Sá Pereira de Lencastre, á *antiga*; D. Luiza Ornellas de *Autrefois*; madame Baerlein, de *Pompadour*; D. Bertha Bastos, de *Paysanne*; D. Luiza Mayer de Mello, de *Charlotte Corday*; D. Maria Andrade de Castro Guimarães, á *antiga*; mademoiselle Luiza da Costa Cabral (Thomar), de *Petit marquise*; D. Maria da Costa Cabral (Thomar), á *1830*; mademoiselle de Carvalho e Vasconcellos, á *Imperio*; mademoiselle de Faria e Bettencourt, á *Luiz XV*; madame Derenthal, de *Watteau*; mademoiselle Derenthal, de *Hollandeza*; D. Maria Anna Oliveira, á *Imperio*; D. Maria Luiza de Sá Pereira, de *Rainha Victoria*; D. Marianna Castello de Paiva, de *Princeza de Lamballe*; D. Rita Ferrão, á *Imperio*; D. Eugenia Alcaçovas, de *Pierrette*; D. Maria Alcaçovas, á *antiga*; D. Maria de Almeida, á *Imperio*; D. Maria da Luz de Almeida, de *Pescadora*; D. Luiza Deslandes, de *Fin de siècle*; D. Margarida Deslandes, á *Luiz XV*; D. Eugenia Atalaya, á *antiga*; D. Antonia de Mello, de *Maria Antoinette*; D. Maria Francisca de Almeida Santos, á *Luiz XV*; marquiza do Funchal, de *D. Maria I*, etc.

O baile durou animadissimo até ás 5 horas da manhã e já a aurora rompia suave e fresca, como em madrugada de maio, e ainda o *cotillon* durava, variado de marcas graciosas, dirigido por madame Allizé dansando com o sr. José de Mello (Sabugosa) e pela sra. Viscondessa de Fontenay, dançando com o filho do sr. Conde de Ormesson.

A ultima figura do *cotillon* foi muito original e de extrema galanteria para os convidados, na sua maior parte portuguezes. M.^{ms} de Ormesson teve a delicada idéa de fazer figurar no meio do salão uma torre de Belem, no cimo da qual tremulava o pavilhão portuguez, tendo em volta, nas ameias, bandeirinhas com a inscripção—*Legacion de France*, as quaes foram offerecidas aos convidados como lembrança d'aquella deliciosa festa.

Um baile principesco, sem offensa da Republica que o illustre diplomata tão nobremente representa em Lisboa, um baile cheio de encantos e que por muitos annos será lembrado nos salões de Lisboa.

Ainda o sr. Conde de Ormesson ia abrir as suas salas para um banquete offerecido aos excursionistas engenheiros francezes, que na ultima semana visitaram Lisboa, quando a noticia de uma grande catastrophe occorrida em Paris, na tarde do dia 4 do corrente, veio trocar as alegrias d'essa nova festa que se preparava, em luto e tristeza.

Um incendio tão rapido quanto voraz fizera centenas de victimas n'um bazar de caridade da rua *Jean Goujon*, em Paris; n'esse incendio morriam queimadas cento e tantas senhoras da primeira sociedade da França e ficavam feridas mais ou menos gravemente outras tantas.

Um horror que a pena de chronista se recusa a descrever, como ás nossas leitoras se confrangeu dolorosamente o coração, quando souberam a triste nova pelos jornaes.

Rara memoria ha, felizmente, de catastrophe semelhante a não ser a do baile da embaixada austriaca em Paris, no tempo do imp.rio, a da Opéra Comique ha dez annos, a do Ring Theater de Vienna d'Austria em 1882, a do theatro Baquet do Porto, em 1888 e o anno passado o incendio do Club Artístico de Santarem, embora o numero de victimas fosse inferior.

Desde 1885 que existia este bazar de caridade instituido por Henrique Blout, com o fim de promover vendas em beneficio dos pobres. Uma grande commissão, composta das mais distinctas senhoras da sociedade de Paris, cooperava n'esta obra meritoria.

O bazar tinha mudado de local varias vezes e agora fôra inaugurado n'uns terrenos da rua *Jean Goujon*, no dia 3 do corrente, com grande concorrência do publico, attingindo a receita n'aquelle dia, a 45.000 francos.

Um barracão de madeira medindo 80 metros de comprimento por 10 de largo constituia o bazar, dividido em 22 installações decorativas em que as senhoras vendiam varios artigos e sortes. Ao fundo uma igreja em estylo gothico e para entreter o publico um cinematographo onde se apresentavam vistas. Foi este aparelho a causa do incendio, porque havendo uma explosão na luz de ether que o illuminava, rapidamente o fogo se communicou a todo o barracão, pintado de fresco a aguarraz, e envolveu cerca de mil e duzentas pessoas que ali estavam.

Aos primeiros gritos de: fogo! todos correram para as duas portas, unicas sahidas que tinha o bazar. Felizes dos que estavam proximos d'ellas e que poderam sahír para a rua nos primeiros momentos, porque logo depois o solho abateu e essas unicas sahidas ficavam a um metro de altura, de modo que dentro em pouco os que ainda se poderam salvar, passavam por cima dos corpos que se amontoavam uns sobre os outros, desfallecidos, asphixiados, moribundos, no meio de um coro de gritos afflictivos que cortava o coração de todos que os ouviam sem poderem valer ás desgraçadas victimas.

Em menos de dez minutos o bazar não era mais que uma fogueira enorme cobrindo cento e tantos cadaveres carbonizados!

Na remoção d'esses cadaveres para o Palacio da Industria tem podido reconhecer-se até ao presente os seguintes:

Baroneza Carnel St. Martin; viscondessa de Bonneval; mademoiselle Mandat Grancey; irmã Ginoux, superiora das irmãsinhas dos pobres de Rancy; viscondessa St. Perier; madame Jacques Haussmann; mademoiselle d'Hinnisdal; baroneza de St. Didier; Potdevin; condessa Mimerel; Schlumberger; mesdemoiselles Cuvillier; Lenormand; Isnard Vauvenargues; madame Nonti; mademoiselle Thomaguet; madame Hauteceur; madame Blossere; madame Pimee; viuva Rivière; madame Gosserand; madame Hoskier; madame Borne; madame Vatismesnil; madame Cuvillier; madame Roland Gosselin; madame Champ; viuva Monstiers; mademoiselle Feulard; dr. Feulard; mademoiselle Moreau Florez; madame Chapuis; viuva G. Desmaziers; madame Carteron; mademoiselle Carteron; madame Valence Minardiere; madame Porgés; mademoiselle Declerey; mademoiselle Picque; madame Valentin; irmã Houdu; viuva Carayon

Latour; Deron; madame Hauteceur; madame Moreau Nelaton; viuva Brazier Thierry; irmã Catherine Marie Madeleine; irmã Sabattier; mademoiselle Guillemin; madame Bontillier Chavigny; mademoiselle Loumond; madame Varanval; madame Vimont; mademoiselle Veahasteldt; madame Goin; viuva Legrand; condessa Hunolstein; Louise Geronde; mademoiselle Vaultiersbien; Gosart d'Espies; mademoiselle Simon; viuva Huzar; madame Kann; David Alfred; Lida Lefevre Finucan; generala Ghevals; mademoiselle Saint Ange; mademoiselle Chevilly; viscondessa de Damas; mademoiselle Disle; condessa Serrurier (general), generala Warnet; mademoiselle Comean; mademoiselle Terre; madame Beauchamp; 30 annos; madame Dillave, 42 annos; viscondessa de Malézieux, 27 annos; mademoiselle Barassi, 23 annos; mademoiselle Guilleton, 23 annos; madame Laneyrie, 43 annos; mademoiselle Moisson, 36 annos; madame de Carbonol; madame Gosse, 50 annos; mademoiselle Angéle Gosse, 20 annos; mademoiselle Zoé Gosse, 18 annos; Madame Nitot, 34 annos; mademoiselle Susanne Nitot, 9 annos; sua alteza real a duqueza d'Alençon, 20 annos; madame de Horne, allemã, 59 annos, madame Julian, 52 annos.

Muitos outros resta ainda reconhecer, e talvez nunca se reconheçam por estarem de tal modo mutilados e carbonizados que torna se impossivel saber de quem são.

Esta horrivel catastrophe não só pôz de luto uma cidade como estendeu esse luto a muitas familias da Europa, parentes das victimas, mais ou menos proximamente.

A duqueza de Alençon, por exemplo, era uma das mais aparentadas fóra da França. A illustre princeza de Baviera chamava-se Sophia, tinha 50 annos de idade e era casada com o principe Fernando Philippe Maria de Orleans, duque de Alençon, que a desposára em 1868. O duque de Alençon é filho do duque de Nemours e irmão do conde d'Eu, casado com a princeza desthronada do Brazil. D'este casamento nasceram dois filhos, a princeza Luiza de Orleans, de 28 annos de idade e o principe Manuel de Orleans, duque de Vendôme, que ha pouco mais de um anno desposou, em Bruxellas, a princeza Henriqueta da Belgica, filha dos condes de Flandres e sobrinha do rei Leopoldo. Era irmã da imperatriz d'Austria e da ex-rainha de Napoles e prima da rainha a Senhora D. Amelia, cunhada da princeza Maria Josepha Beatriz de Bragança, filha do sr. D. Miguel de Bragança, etc.

Outra victima, a sr.^a baroneza de Saint Didier, é da familia do sr. conde de Figueiró, veador de Sua Magestade a Rainha D. Amelia. Esta senhora era de origem portugueza e prima da mãe do illustre titular.

E todos os dias o telegrapho vae dando noticia de novos promonores da catastrophe e das victimas, descrevendo scenas commoventes que se tem passado, no reconhecimento dos cadaveres por pessoas da familia; contando o que dizem testemunhas do horrivel acontecimento.

Uma dama que acompanhava a duqueza de Alençon, e que se poudo salvar, conta, que apenas, rompeu o incendio, fez ver á duqueza a necessidade de sahirem d'ali; esta, porém respondeu-lhe:—Espere, deixe sahír primeiro os que vieram favorecer os pobres, e ficou immovel no seu posto, cruzando as mãos sobre o peito e elevando os olhos para o ceu.

De entre as pessoas que se escaparam do incendio mais ou menos feridas, algumas já tem fallecido em resultado das queimaduras e do abalo que tiveram, como uma creança de 9 annos da familia do general Marbat; o general Munier, que tomou parte na expedição do Mexico de triste memoria, e que foi commandante da divisão de Bayona de 1886 a 1893; a viscondessa de Avenil e outras que estão agonisantes ou loucas de dôr pelo desgosto que as feriu tão cruelmente.

O duque de Aumale, tio de Sua Magestade a Rainha D. Amelia é uma das victimas do desgosto, que já temos a lamentar.

A noticia da morte de sua sobrinha, a duqueza de Alençon, deu-lhe tanto abalo que o heroe de Smala morreu de dôr, pela madrugada de 7 do corrente, em sua casa de Zucco, na Sicilia.

Entre as dedicações que houve para salvar as victimas, conta-se a do cosinheiro do *Hôtel du Palais*, mr. Gomery e o seu ajudante Eduard Vaudier, que por uma janella do muro que fechava o terreno dentro do qual estava armado o barracão, poudo salvar mais de trinta pessoas, debruçando se e segurando com braços vigorosos as victimas que ia arrancando á voracidade das chamas.

Nos escombros, foi encontrado grande numero de joias dispersas e algumas ainda nos cadaveres

das victimas, pelo que, se reconheceu muitos d'esses cadaveres, graças ao cuidado com que os agentes de policia procederam á arrecadação das joias.

Os ultimos telegrammas dão noticia das solemnes exequias que se estão celebrando em Paris, por alma das victimas, e a que assiste o presidente Mr. Faure e todos os membros do governo.

Paris é n'este momento uma cidade de luto! Para ella convergem hoje todas as condolencias do mundo, porque a catastrophe de que foi theatro sensibilizou o coração da humanidade, tanto mais por ter occorrido no meio de uma festa de beneficencia, victimando tantas dezenas de pessoas dedicadas á grande missão da caridade, empenhadas em socorrer os desvalidos que por toda a parte enchem as grandes cidades, e para que são poucos todos os socorros que lhe minorem a desgraça.

Em Paris como em Lisboa o pauperismo alastra-se desoladoramente. Occorrer a tanta miseria é hoje a aspiração de muitos corações bons, que tanto se abrigam sob as rendas aristocraticas da fidalguia, como sob a bluze do pobre plebeu.

É assim que a par das cosinhas economicas, estabelecidas sob a tutela de senhoras da primeira fidalguia portugueza, se instituem as officinas de S. José, os hospitaes para creanças os dispensarios e tantas outras instituições de caridade a que vem agora juntar-se o Albergue das Creanças Abandonadas, cuja inauguração se realisou no sabbado 8 do corrente.

N'uma casa da rua de Santo Amaro acha-se installado o albergue com suas camaratas, refeitório, cosinha, capella e recreio para os albergados. Ali ficaram recolhidas, no sabbado, 25 creanças que estavam a cargo do policia Andrade, que primeiro as recolhera em sua casa, repartindo com as pobresinhas dos seus poucos recursos e do que podia angariar para as manter.

Com que satisfação registamos o nome d'este benemerito que recolhia da rua, as pobres creanças abandonadas e as entregava a sua mulher para cuidar d'ellas. Como nos seus parcos haveres encontrava animo que outros não teem no meio de riquezas!

E d'aqui nasceu a ideia do albergue patrocinado pelos empregados superiores da policia e pela imprensa, em que o *Diario de Noticias* tomou a melhor parte.

Não foi em vão que a imprensa appellou para o publico, porque de toda a Lisboa concorreram donativos para se fundar tão sympathica instituição, e o albergue organisou-se, com uma direcção composta dos srs. tenente coronel Moraes Sarmiento, presidente, dr. Alfredo da Cunha, Antonio Palhares, Leça da Veiga, Silva Graça e Santos Junior.

A inauguração foi uma festa risonha por entre a profusão de flôres que decoravam a casa; as creanças tiveram um bom jantar e brincaram depois alegres e despreocupadas no recreio.

Em beneficio d'este albergue e do cofre da nova Associação dos Jornalistas, realisou-se em a noite de 3 do corrente, um sarau a que concorreu o que ha de mais distincto na sociedade lisboense.

Abriu o espectáculo a Tuna Academica dirigida pelo sr. Alfredo Monteiro. O actor Augusto de Mello recitou superiormente o monologo *A Orphã*. Carmo Dias e Eduardo Silva executaram um delicioso duetto de guitarra e viola. A banda da guarda municipal tocou pela primeira vez o hymno do Centenario da India composto pelo maestro Augusto Machado e que é mais uma bella producção do seu reconhecido talento. Os artistas do theatro de D. Maria, Silva e Virginia recitaram primorosamente o dialogo do *Livro de Mesnier*, versão do sr. dr. Alfredo da Cunha, e que foi ouvido com extremo agrado. Augusto Rosa recitou admiravelmente um monologo. Hussla e Oscar da Silva fizeram ouvir dois trechos musicas magistralmente executados, terminando o sarau, a *Cavallaria Rusticana* pela companhia do theatro D. Amélia.

Mais um concerto de Rey Colaço no salão da Trindade com o concurso de distinctos amadores e artistas, revertendo parte da receita em favor das cosinhas economicas. O programma foi escolhido e a sua execução mereceu os applausos do publico, que enchia a sala, muito especialmente a serenata Haydn para instrumentos d'arco que despertou grande entusiasmo, assim como *Esquisse marrocaïne*, uma deliciosa composição de Rey Colaço e a que elle deu o maior brilho no piano.

No Club de Lisboa tambem houve um esplendido sarau dramatico em que se representou a comedia *Guerra em tempo de paz*, traducção de J. A. de Freitas e que em tempo foi á scena no theatro de D. Maria.

Esta comedia representada agora por distinctos amadores D. Palmira Monção, D. Luciana Braga, D. Christina Toulson, D. Eulalia Valle, D. Edwige Barros, D. Marietta Diniz, D. Candida Andrade e A. Blanc, Salgueiro, Marinho da Silva, Toulson, Zanatti, A. Barros, Pinto Ferreira Diniz e F. Cruz teve um desempenho distinctissimo.

Vae já longa a chronica para fallarmos mais de espaço do drama *O Regente* de Marcellino Mesquita, que nos ultimos dias subiu á scena, no theatro de D. Maria. Falta-nos o espaço assim como nos faltou occasião de ver esta ultima obra do talentoso dramaturgo, que tem enriquecido o theatro portuguez com as melhores producções dramaticas d'estes tempos.

Do *Regente* dizem-me maravilhas, e o publico, que todas as noites enche o theatro applaudindo o auctor e os actores, é prova do interesse e do agrado que a peça despertou. Tambem a havemos de ir ver e então poderemos informar com melhor conhecimento as nossas leitoras.

Lynce.



AS NOSSAS GRAVURAS

ATTENTADO CONTRA O REI DE ITALIA

Foi na quarta-feira passada, 5 d'este mez, pela manhã, que se realisou a celebração de um solemne *Te Deum* na igreja do Loreto, em Lisboa, em acção de graças por ter o rei Humberto sahido incolme do attentado de que fora alvo no dia 23 de abril do corrente anno, na occasião em que S. Magestade se dirigia ao campo de corridas de Capanella, onde devia ser corrido o grande derby.

Como se sabe, os reis italianos costumam assistir a esta festa, e o rei partira antes, em carruagem descoberta, acompanhado do seu ajudante de campo.

A cerca de dois kilometros de distancia de Roma, um pouco além da porta de S. João, um individuo saltou ao caminho, precipitou-se sobre a carruagem real e tentou ferir o soberano com uma punhalada. O rei, tendo a sufficiente presença de espirito para se levantar, ponde evitar o golpe, e o assassino que largou a arma, foi immediatamente agarrado por dois carabineiros.

Sem ter soffrido mais do que uma ligeira emoção, o rei proseguiu no seu caminho e recebeu unanimes felicitações por haver escapado a tão grande perigo.

No seu regresso a Roma, o rei e a rainha tiveram uma ovação entusiastica.

E bem conhecido de todos quão amigos são os dois esposos. Ainda, em 1893, por occasião das faustosas festas das suas bodas de prata, receberam a geral consagração de que são credores.

Os reis de Italia, Humberto e Margarida de Saboya casaram a 23 de abril de 1868, tendo o rei 24 annos e a rainha 17.

Foi um casamento de amor e de conveniencia, cousas que juntas andam raramente, e do qual houve dezoito mezes depois o nascimento do principe herdeiro, de cujo consorcio deu tambem noticia ha pouco tempo o nosso chronista.

O attentado que hoje registamos é já o segundo praticado contra a vida do rei Humberto. O primeiro foi em Napoles, em 1878, alguns mezes depois da morte de Victor Manuel.

Então, como agora, o auctor do attentado, Passanante, recorreu tambem ao punhal, para realisar o seu projecto, conseguindo ferir ainda que ligeiramente o rei e um pouco mais gravemente o presidente do conselho de ministros, Cairoli, que jamais se curou completamente do ferimento recebido. Passanante foi condemnado á morte, porém o rei perdoou-lhe e actualmente vegeta n'um manicómio perto de Florença.

O auctor do recente attentado chama-se Pietro Acciarito, tem 24 annos de idade e é natural de Artena pequena terra da provincia de Roma; e diz-se ser operario ferreiro sem trabalho ha algum tempo, e sem ter tambem domicilio certo.

A opinião geral inclina-se a que o assassino deve pertencer a uma seita politica qualquer e ter portanto cúmplices, mas elle respondeu ás perguntas do questor affirmando que praticara o attentado de seu motu proprio. Todavia, o punhal, sendo semelhante áquelle com que Caserio Santo, feriu Carnot, justifica aquellas suspeitas.

Desculpando o crime, allega arrastar uma vida de cruel miseria, e queixa-se da sorte dos pobres

diabos que como elle andam famintos, e accrescentava:

— Eu tinha uma pequena officina, vi-me forçado a fechal-a. Bati a todas as portas, sem encontrar sequer um cão que me quizesse socorrer. A fome é má conselheira. Hoje, vendo tanta gente rica e feliz ir gozar um bello dia, regalada e satisfeita, e pensando em que o rei ia dar 24:000 liras a um cavallo vencedor, quando eu não tinha nem um unico centimo, senti-me impulsado pela ira e pelo desespero, e fiz o que fiz.

Foi, pois, em acção de graças do mallogro d'este attentado, que se realisou o solemne *Te Deum* na igreja do Loreto, cuja celebração se revestiu da maior pompa.

A hora marcada, estavam no elegante templo, sua magestade a rainha D. Maria Pia e o sr. infante D. Affonso. A porta da igreja, esperavam as pessoas reaes, todo o ministerio, corpo diplomatico, governador civil e membros da junta directora da igreja do Loreto.

S. M. a rainha e seu filho dirigiram-se para a tribuna, passando por entre as alas que lhe abriam as muitas pessoas, senhoras e cavalheiros, que enchiam completamente a igreja.

El-rei e a rainha haviam-se feito representar pelos srs. condes de Villa Nova da Cerveira e de Figueiró. A parte musical foi excellente, começando por executar a orchestra do theatro D. Amélia, á entrada de sua magestade, o hymno real.

Seguiu-se uma symphonia do maestro Sauvinet e o *Salutaris* cantado pelo tenor Collenz.

Celebrou-se depois o *Te Deum* de Gazul, officiado o conego José Maria Pinto, cura interino do Loreto.

O baixo Sabellico cantou os *solos* com toda a correcção.

A orchestra fechou a solemnidade, executando a primor a *marcha* do maestro Sauvinet.

Ao *Te Deum* assistiram muitos sacerdotes, e um numeroso grupo de operarios italianos dos que trabalham nas obras do nosso porto, o que deu uma nota interessante a tão grandiosa festa. A igreja estava ornamentada com muito gosto, e da colonia italiana esteve alli presente tudo que ella conta de mais distincto, como as senhoras, princezas de Cariati, marquez de Cariati e filhas; conde e condessa de Bobone e filhas; marquez Oldoini e filhas; José Pacini e esposa; Alberto Sarti e esposa; Lambertini, Isabella, Stefannina, Benobiel, Botino, Fornazini, baroneza Stempel Borghi e filho; Treves, Bruno, Pagliano, Coffino, Pistoni, madame Mirés, etc.

ÁCERCA DO PRIMEIRO MARQUEZ DE NIZA

(Concluido do n.º 659)

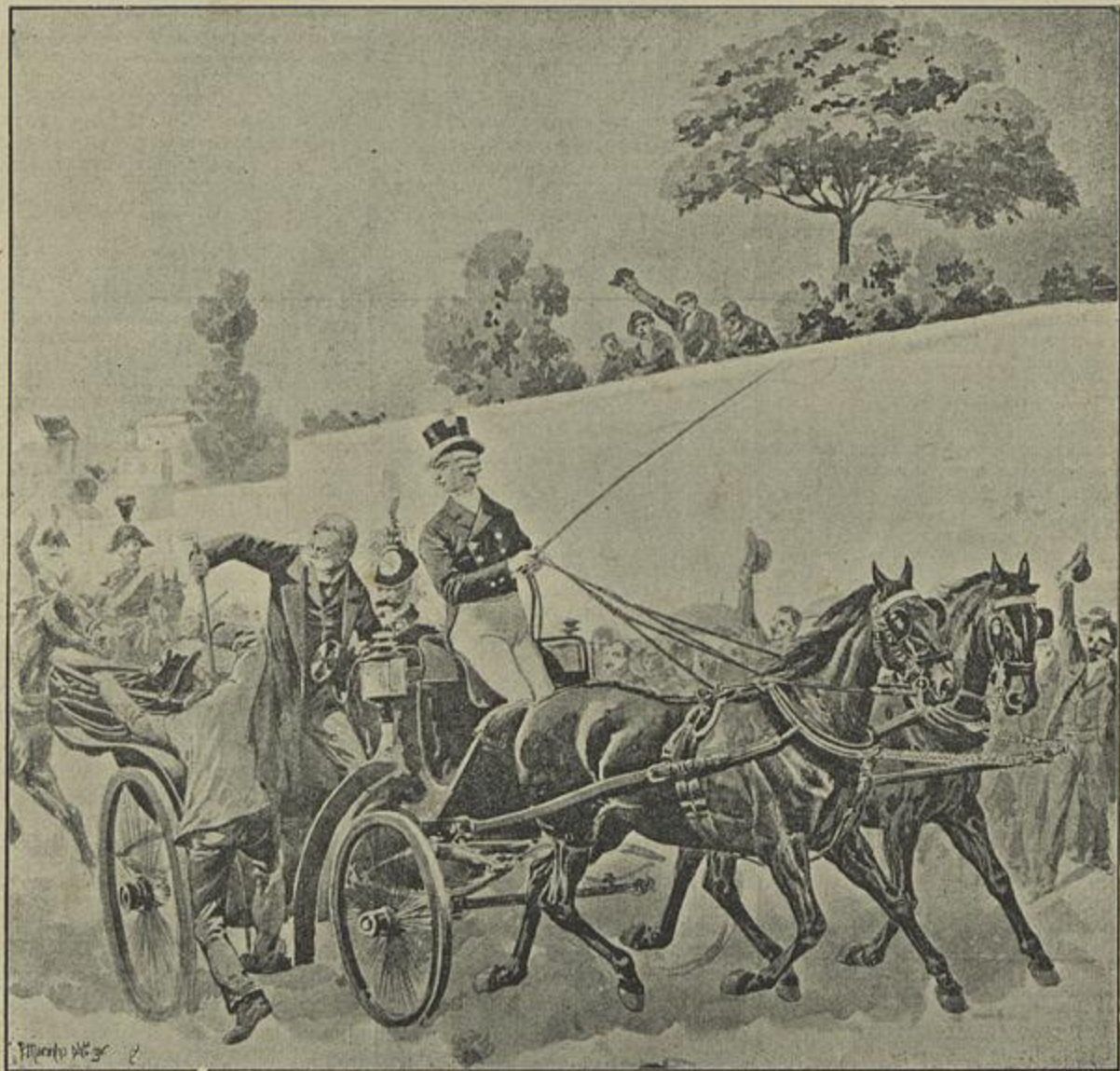
Não tornamos a encontrar noticia da traducção de fr. Francisco senão quasi dois annos depois, a 29 de Julho de 1649, estando já o marquez em Lisboa, e finda já a embaixada de França. É n'uma carta sua, d'esta cidade a D. Vicente Nogueira, em que lhe escreve: «O padre fr. Francisco de Macedo está morador em Telheiras em um mosteiro que ali teem os padres franciscanos, por lhe deixar aquelle sitio o Principe Negro, cujo agente era; e na igreja, que é pequena e lindissima, tem duas sumptuosas sepulturas. Frei Francisco continúa em apurar o Camões, e tem já feito sete cantos, e hoje 15 de Junho, me mandou pedir os commentos de Manuel de Faria sobre Camões e Lacerda sobre Virgilio e os poetas gregos e latinos, por razão das notas que ha de fazer na mesma traducção; e a semana que vem começamos a ter n'esta minha livraria uma academia de homens doutos sobre esta mesma traducção de Camões, para que seja apuradissima; e tudo o que na academia for sahindo irei remettendo a vossa mercê.»¹

A 12 de Setembro escrevia o marquez ao mesmo: «Himos apurando o Camões, e diz o padre Macedo que até dias de Janeiro poderemos começar a impressão; e já desejo se comece, por entender será obra de estima n'este reino e nos extranhos; e ás pessoas de juizo, tem aqui parecido a traducção por extremo boa.»²

A carta de 29 de Julho parece mostrar que já estavam acabados sete cantos da traducção e que se iam aperfeiçoando; o que corrobora affirmar frei Francisco ao marquez que se poderia começar a impressão até Janeiro, d'ali a quatro mezes. Quanto ás palavras — himos apurando — da carta de 12 de Setembro, referir-se-hão á academia de

¹ Bib. Nac., Mss., F., 4, 5.

² Bib. Nac., Mss., F., 5, 4.



O ATTENTADO CONTRA O REI DE ITALIA — PIETRO ACCIARITO ATACANDO O REI HUMBERTO
NO CAMINHO DE CAPANELLE

Conforme um desenho publicado pelo *Monde Illustré*.



VISTA INTERIOR DO BAZAR DE CARIDADE DA RUA «JEAN GOUJON» — (Vid. *Chronica Occidental*)

(Cópia de uma photographia tirada na véspera do incendio)



O INCENDIO DO BAZAR DE CARIDADE DA RUA «JEAN GOUJON» EM PARIS — SALVAMENTO DE ALGUMAS VICTIMAS PELOS GOSINHEIROS DO HOTEL PALAIS — (Vid. Chronica Occidental)

(Conforme desenho publicado pela *Illustration*)

homens doutos que o marquez tencionava reunir na sua bibliotheca para tal fim. As esperanças por este concebidas de em breve sahir a publico a obra do sabio religioso não se realizaram comtudo, porque, decorridos seis annos, ainda o marquez lhe escrevia de Lisboa, a 6 de Setembro de 1655, para Roma, onde Macedo residia novamente: «Agora trataremos de ver se no caixão estão os cadernos de Camões para ajuntar com os que cá tenho; e hontem, antes de entrarmos em conselho d'estado, diziam todos aquellos senhores que nenhuma obra havia de honrar tanto vossa paternidade, como sahir com aquella á luz; e o capellão-mór m'os pediu com grandes encarecimentos para os ir vendo¹». E-te é o ultimo documento que encontramos ácerca da versão de frei Francisco.

Viveu elle ainda vinte e seis annos, pois expirou a 1 de Março de 1681, sendo lente de philosophia moral na universidade de Padua; mas, apesar de tanto ainda lhe durar a vida, nunca se estampou a sua obra. O marquez de Niza, fallecido cinco annos antes (a 28 de Outubro de 1676), não logrou portanto o seu louvavel intento. Mas chegou a versão com effeito a completar-se? Diz-se geralmente que sim; anda como tal no *Elenchus librorum editorum patri Francisci a Sancto Augustino Macedo in lucem editorum ab ipsomet scriptus* publicado no seu *Mirothecium morale* em Padua em 1675, isto é, seis annos antes do seu fallecimento, no qual entre os escriptos *Confecti et in lucem edendi* se lê a respeito do que nos interessa: «*Traductio Ludovici Camonii principis poetarum Lusitanie in latinam linguam heroico item carmine, opus magni laboris et accuratioris in 4; Continet myriadem fermè veruum totidem poete versibus respondentium; tral-a na sua Bibliotheca; Nicoláo Antonio que se crê acabasse Soares de Brito, quando, referindo-se a Macedo, nos diz no seu *Theatrum Lusitaniae litterarium*: «Lusiadas Camonii in latinum carmen felicissime transtulit²; e mais explicitamente o affirma Barbosa Machado pelas seguintes palavras: «Esta traducção, que conta quasi dez mil versos, correspondente um latino a um portuguez, com equal fidelidade que elegancia compoz em Pariz no espaço de nove mezes. . . Não deixou perfeitamente limada esta obra, como se vê do seu original, em que alguns versos estão por acabar³». Se Barbosa Machado, em lugar de — como se vê — puzesse — como vimos — todo o credito nos mereceria pela sua grande auctoridade e saber; porém assim não passa de termos geraes e vagos a sua affirmativa; escreveu o que lhe constou, guiado talvez principalmente pelo *Elenchus*, ou por Nicoláo Antonio que seguiu o *Elenchus*, e mais nada. Alem d'isso, a limitação de nove mezes, que assigna ao trabalho litterário de frei Francisco, é inteiramente inexacta e leva-nos a desconfiar do resto; Brito em semelhante caso se encontra, quanto a seguir outros, não quanto ao *Elenchus*, porque morreu antes de elle se imprimir, e portanto a mesma ou ainda menos fé merece; no que toca á asserção do proprio traductor tambem não lh'a devemos prestar ás cégas: não é a primeira vez que um auctor inculca por completas obras que o não estão, ou porque, proximas já do fim, supponha que as acabará em breve, e queira annuncial-as ao publico, aproveitando o ensejo propicio de outra que anteriormente se imprime, ensejo que talvez não conta deparar-se-lhe depois, ou por motivos menos ou não attendiveis e que variam conforme a consciencia de cada um.*

Mas completa ou incompleta, limada em todo ou em parte, o que foi feito da traducção? Perdeu-se? Existe ainda? Existe, segundo a opinião de Innocencio Francisco da Silva, de Antonio José Viale, e de outros, dividida em dois troços, cada um de cinco cantos; o primeiro dos quaes parou até ha pouco no poder do sr. Venancio Augusto Deslandes, a quem passara por morte do sr. Corrêa Caldeira, seu cunhado, que o possuia herdado de seu tio, o cardeal patriarcha D. Frei Francisco de S. Luiz; e o segundo no do conhecido escriptor, o sr. Joaquim José da Silva Pereira Caldas, depois de ter pertencido ao padre Domingos da Soledad Sillos. Hoje possui-os ambos o illustrado camoneano, o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro. Servindo-se d'estes dois fragmentos Viale, imprimiu a obra em Lisboa, na Imprensa Nacional, em 1880 no que prestou o mais relevante serviço ás letras. Mas acontece que a differença entre elles é sensibilissima, e que o sabio editor, para os tornar n'um todo homogeneo, foi obrigado a emendal-os muito, sobretudo o manuscrito pertencente ao sr. Caldas,

o que o fez trepidar na empreza. «Voltando porém a falar da causa do nosso desalento, diz elle, no prologo do livro, eram tantos os logares carecentes de correção nos dez cantos do poema, principalmente nos ultimos cinco, que o trabalho de os corrigir e annotar se tornou difficil e melindroso álem de tudo o que se poderia imaginar. . . Nos cinco primeiros cantos limitamo-nos a emendar palavras e phrases (em grande numero) que nos pareceram menos proprias, ou menos claras, e a corrigir alguns erros de versificação, devidos talvez á impericia do copista. . . Nos cinco ultimos. . . fizemos muitas e muitas dezenas de estancias em substituição ás do traductor, por assim o julgarmos absolutamente necessario. Ficam existindo nas mãos dos srs. Deslandes e Pereira Caldas os dois manuscritos da traducção de Macedo, que são os unicos até agora conhecidos. Se alguma vez se fizer uma edição inteiramente conforme com elles, os juizes competentes poderão decidir se o revisor estragou ou melhorou os textos que teve presentes. No canto nono a descripção da Ilha dos Amores desde a estancia LIV até á estancia LXIII é copiada dos nossos *Exerptos dos Lusiadas, traduzidos em versos latinos*, publicados em 1878. Como no fim d'este livro vem a mesma descripção tal como ella se lê no manuscrito de que nos servimos, poderão os leitores convencer-se do muito que a versão de Macedo havia mister ser reformada.»

Levado de extrema benevolencia, tão propria da sua timida, posto que sabedora penna, Viale procura desculpar todas estas faltas com a pressa do marquez de Niza em publicar a obra e com a morte do illustre religioso, que o inhibiu de emendal-as; mas, como vimos da correspondencia do mesmo marquez, taes razões não colhem. Mais de oito annos aguardou este a conclusão da traducção, porque oito annos precisos decorreram desde que Macedo acabou a do canto segundo até ao ultimo documento por nós aproveitado, onde se vê que o marquez esperava achar no caixão (provavelmente mandado por aquelle de Roma) «os cadernos de Camões para juntar aos que já tinha;» isto quanto á primeira razão; quanto á segunda, Macedo viveu ainda, após a data do ultimo documento, vinte e seis annos, que, reunidos aos oito, dão nada menos de trinta e quatro, tempo sufficientissimo para terminar o seu trabalho e limal-o todo.

Como harmonisar tão graves, tão numerosas imperfeições e erros, improprios de escriptor de tanta fama, com esta, com as suas asserções ao marquez e com as palavras do marquez? É tido frei Francisco na conta de um dos primeiros latinistas; declara que já fez sete cantos da sua versão; que os vae polindo; que d'ali a quatro mezes poderá começar-se a imprimir; vive depois da declaração trinta e dois annos (1649 a 1681), e deixa-nos metade d'ella no estado em que ha pouco vimos! De que maneira sahir de tamanho embaraço? Não sabemos. Aqui em favor de frei Francisco poderão vir com a auctoridade de Barbosa Machado, allegando que elle não deixou o seu escripto perfeitamente limado, conforme se evidenciava de alguns versos por acabar; mas uma coisa é não acabar alguns versos n'uma traducção, e outra, e muito diversa, fazel a como estão os cantos do segundo fragmento. Admitte-se que uma peça poetica, seja de que lingua for, não saia da primeira vez exempta de certas incorrecções e desprimores, que depois se vão a pouco e pouco emendando; mas não se admite que fique tão defeituosa fundamentalmente como aquella parte da versão d'*Os Lusiadas*, a Macedo attribuida com ou sem fundamento.¹ Ora se isto parece impossivel succeder relativamente a qualquer verzejador, quanto mais tratando-se de homem tão sabio, tão costumado a compor em latim, quer em prosa, quer em verso, e tão universalmente aclamado!

Em todo o caso o que é certo é que a traducção publicada em 1880 deve chamar-se com justiça de frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo e de Antonio José Viale, attenta a importantissima collaboração de que este foi auctor, e que, ainda mal, não declarou, para cada qual gosar o fructo do seu trabalho e não carregar com a responsabilidade do alheio. Hoje só pelo aturado confronto do impresso com os dois fragmentos manuscritos poderá chegar-se a esta discriminação, mas com que difficuldade! D'esse confronto resultaria ainda outra vantagem: assentar em

bases solidas se o segundo d'elles pertence ou não á pena de Macedo.

Assim veiu a cumprir-se, posto que de muito differente maneira, e graças á valiosissima intervenção litteraria de Antonio José Viale, este fervoroso desejo do marquez de Niza, dois seculos depois da sua morte.

Ramos-Coelho.

A Covilhã e a Industria dos Lanifícios

II

(Continuado do n.º antecedente)

Alludimos, já n'este rapido estudo, á interessantissima obra do benemerito propugnador das nossas industrias, José Accursio das Neves, as *Varietes*. É agora d'esse livro, comparando as suas indicações com as de outra obra do mesmo auctor: *As noções historicas, economicas e administrativas*, que vamos proseguir, completando uma com a outra, e seguindo o mais possivel o proprio texto.

Pelos *Artigos das sizas dos pannos e da marçaria*, ordenados por D. João II e D. Manuel, parece ter-se augmentado muito a industria dos lanifícios até o seu tempo; comtudo a importação dos que vinham de fóra do reino, e principalmente de Flandres, para onde tinhamos grande communicação, era muito favorecida; e se algumas restricções se punham á sua introdução pelos portos da terra, era para evitar as fraudes na arrecadação dos competentes direitos, que eram mais fáceis de commetter por terra do que pelos portos de mar, como bem se conhece pelas disposições do capitulo CCXXXIX das *Ordenações da Fazenda*.

Tudo era subordinado ao systema fiscal, e por isso que os fabricantes nacionaes se opprimiam com as grandes vexações e encargos, que constam do capitulo CCXL das *Ordenações da Fazenda* e do capitulo LIX dos *Artigos das sizas* de D. Afonso V, de 27 de setembro de 1476, não podia deixar de se fazer grande embaraço ao progresso das nossas manufacturas.

É notavel a differença que se fez no referido artigo do capitulo LIX dos *Artigos das sizas*, entre os mercadores de panno christãos e os mouros e os judeus, pois era permitido aos recebedores e rendeiros das sizas, quando elles quizessem, darem varejos tres vezes por anno ás casas de uns e outros, para examinarem os pannos que tivessem para a venda; porém, aos mercadores christãos acreditavam-se as declarações que dessem por escripto, sem os pannos serem vistos, em dois dos ditos varejos, e sómente em um d'elles tinham obrigação de mostrar os pannos; aos mouros e aos judeus deviam ser vistos e medidos e n todos os tres varejos.

Pelo Regimento dado por D. Sebastião á fabrica de pannos, que era o mesmo que depois confirmou e ampliou com varios artigos D. Pedro II, parece que esta manufactura estava bastante propagada pelo reino; e o capitulo XXIV faz persuadir que por esse tempo se introduziu de novo as baetas, picotes, guardaletes e pannos de cordão que d'antes se não fabricavam em Portugal.

Comtudo os portuguezes vestiam-se em grande parte com os pannos de Flandres, Alemanha, França e Inglaterra; e mesmo parece que assim acontecia desde os tempos mais antigos. Os privilegios aos mercadores inglezes que nos traziam pannos começam apparecer pelo menos desde o reinado de D. Manuel, como se mostra do Alvará de 27 de fevereiro de 1500, que forma o capitulo LI dos *Artigos das sizas* e marçaria, ordenados por D. João II e D. Manuel, pelo qual foi modificada, sómente a favor d'elles, a fórma geral de varejos estabelecidos para os mercadores estrangeiros sobre o pagamento das sizas.

Filippe II facilitou a introdução por terra de aquella qualidade de pannos e mais generos de manufacturas de Castella, que anteriormente só podiam entrar pela foz, adoptando o methodo das avencas de que tratavam os capitulos LIII e quintos do Foral da Alfandega de Lisboa.

A industria dos lanifícios, desde o seu inicio até D. Manuel, teve, pois, certo florescimento, e de ahí até D. João IV permaneceu completamente estacionaria, senão arruinada, recuperando a sua importancia apenas no tempo de D. Pedro II.

Concordam os escriptores estrangeiros, pela sua maior parte, em ter sido pelo anno de 1681, que se estabeleceram as fabricas de lanifícios na Covilhã, Fundão e outras terras do reino, com pessoal estrangeiro; e até alguns indicam a um irlandez chamado Courtéon que estava ao serviço

¹ A este respeito escrevia-nos Viale a 31 de Julho de 1879: «Como conciliar a fama de Macedo, indisputavelmente merecida, e os elogios feitos á traducção com as innumeraveis incorrecções e até despropósitos dos dois manuscritos Caldas e S. Luiz? O *emendaturus, si licuisset* erat não basta para decifrar o enigma»

¹ Id.

² Bib. Nac., Mss.

³ *Bibliotheca Lusitana*.

da rainha viúva de Inglaterra, e o qual conduzia a Portugal varios obreiros de pannos e baetas, que vieram fundar estas manufacturas. Tambem concordam que a dos pannos prosperou de tal sorte que por mais de vinte annos supriu todo o consumo do reino e do Brazil, mas que a das baetas decahiu, porque as lãs de Portugal eram muito curtas para tal qualidade de estofos.

Todavia, já indicamos que no tempo de D. Sebastião, tambem se fabricavam, em consideravel quantidade, baetas e ainda hoje as baetas chamadas da terra e baetões ordinarios.

O alvará de 9 de agosto de 1686 diz:

«E porque tenho mandado dar nova forma ás fabricas do reino para com ellas supprir o que for necessario a meus vassallos, prohibo que se não possa usar de nenhum genero de pannos negros, ou de cor, não sendo fabricados dentro do reino.»

Os inglezes, atenta esta prohibição, sophismaram a lei, introduzindo droguetes pannos, ao que occorreu o alvará de 28 de setembro de 1688, comprehendendo os droguetes pannos na restricção; e ainda mais rigorosas foram as prohibições ordenadas pelos alvarás de 14 de novembro de 1698 e 21 de julho de 1702.

Com o tratado de 1703, conseguiram os inglezes a introdução dos seus lanificios em Portugal, e os hollandezes a seu exemplo obtiveram a mesma concessão. Este é o fatal tratado chamado de Methuen, assignado por D. Pedro, em 27 de dezembro de 1703, e que foi a ruina das nossas fabricas de lanificios. Para o reconhecer, basta considerar que as importações de mercadorias inglezas, que em 1684 tinham baixado a 400:000 libras, excederam o triplo d'essa cifra logo no primeiro anno depois do tratado, sendo de libras 1.300:000 (1704); este tratado, ao passo que favorecia a entrada dos pannos inglezes em Portugal, dava aos vinhos portuguezes a insidiosa e pequena vantagem de pagarem menos um terço dos direitos que pagassem em Inglaterra os vinhos de Franca.

A este respeito, é ver o *Ensaio historico politico* de José Liberato Freire de Carvalho, 2.^a ed. 1843, pag. 142 e seguintes, em que diz estas amargas e verdadeiras palavras:

«Pelo contexto d'este documento (o tratado) se vê que as fazendas de lã, vindas dos estrangeiros, não eram admittidas n'aquelle tempo em Portugal, o que mostra a boa politica dos governos antecedentes; porque toda a nação que uma vez pede a um povo extranho que lhe dê de vestir, em pouco acabará por lhe pedir tambem que lhe dê de comer.»

De aqui a funesta e constante decadencia a que chegaram as nossas fabricas nos principios do seculo XVIII.

O restabelecimento das fabricas de lanificios foi um dos assumptos em que mais se empenhou o ministerio do marquez de Pombal, como é bem facil de comprehender; e a Junta do Commercio, logo depois da sua installação, cuidou em mandar vir outros mestres e artistas estrangeiros que deram principio ás fabricas reaes da Covilhã e Fundão.

Jacome Ratton, nas suas *Recordações*, pag. 267, dá-nos algumas indicações preciosas, dizendo:

«Quando a Junta foi encarregada do estabelecimento das fabricas de lanificios, foi obrigada a servir-se, por falta de quem soubesse de partidas dobradas, de outro negociante italiano chamado Lombardi, para administrador da real fabrica da Covilhã, e mandou vir de fora certo numero de operarios estrangeiros para serem empregados nos diversos ramos da fabricação dos lanificios. Para a da Covilhã, veio um habil tintureiro francez, cujo nome não me lembra; e para a de Portalegre se empregou outro tintureiro francez, chamado Larcher. Tambem no estabelecimento da mesma fabrica se empregou Francisco Maihol, francez de nação; o qual, já em sociedade com Manuel Pereira Guimarães, mercador na rua Augusta, tinha creado uma fabrica de lanificios em Cascaes.» (A respeito de esta fabrica pode ver-se ainda pags. 138 e 173 do mesmo livro)

A guerra de 1762 fez suspender este projecto, mas passada essa calamidade, reviveu com maior insistencia. Por consulta de 19 de junho 1764, propoz a Junta um plano mais desenvolvido, cuja approvação consta da real Resolução de 26 de junho do mesmo anno e foi dada com diversas ampliações e declarações.

E' d'esta data que se pode contar o estabelecimento definitivo, solido e permanente, das fabricas reaes do Fundão e da Covilhã, a que depois se seguiu por Aviso de 15 de junho de 1772 o de outra em Portalegre, fundadas e administradas todas pela Junta de Commercio. As despesas para o seu custeamento, espaçosos edificios que se fizeram e desembolsos extraordinarios com ma-

chinismos, utensilios, gratificações e transportes de operarios estrangeiros, etc., sahiram dos cofres dos pharoes, e do donativo dos quatro por cento. (1)

Em 1770, o alvará de 20 de março isentou de direitos, por 10 annos os lanificios das fabricas do reino.

(Continúa.)

Esteves Pereira.

O TOUCADOR DE UMA DAMA, HA 2.000 ANNOS

De todas as péchas que deslustram a nossa pobre e mesquinha humanidade, nenhuma haverá, de certo, mais velha do que a vaidade, e senão, attentem os nossos leitores nas curiosas revelações que alguns abalisados escriptores antigos nos transmittiram, com respeito aos habitos requintados e ás demasias de luxo, tão vulgares entre as damas elegantes das eras remotas em que elles viveram. Ora escutem:

«Se a qualquer de nós fosse dado surprehender uma das sobreditas beldades, de manhã, no momento em que desperta do somno matutino, esse alguém convencer-se-hia, infallivelmente, de que tinha diante de si um sagoio ou um bugio, creaturas que, por habito, ninguem, de certo, encontraria frente a frente com prazer, logo á sahida da propria casa. Eis o motivo porque ellas hoje, a essa hora, tão cuidadosamente se encerram, empenhando-se a todo o transe em evitar que venha srprehender as o olhar indiscreto do homem.»

N'estes termos escrevia Luciano, ahí pelo anno 160 da era christã, descrevendo aos vindoiros, e não sem certa mácula de exagero, os usos e costumes das suas contemporaneas.

Acreditamos piamente, comtudo, para honra das damas de outras eras, que as mais novas, quando menos, não corresponderiam em absoluto ao typo do supracitado bugio. No entanto, o que hoje é verdade, sel o-ha, provavelmente, amanhã, e mesmo se dermos o devido desconto ao voluntario pessimismo do critico, muita coisa terá de ficar de pé nas descrições elaboradas pelo auctor cuja auctoridade acabamos de citar.

Concorrem, aliás, a abonar-lhe a veracidade outras narrações, e, entre ellas, a de Tertuliano, quando se refere aos atavios das damas do seu tempo. Vamos, porém, desde já, e sem mais preambulos, assistir á *toilette* matutina de uma elegante em tão remotas eras,

De manhã, no acto de despertar do seu doce somno, a dama apresentava aspecto verdadeiramente repulsivo. Em conformidade com o uso da época, á noite, ao deitar na cama, barrava o rosto com espessa camada de certa massa, composta de farinha de trigo e de leite de burra, sendo, em alguns casos, substituida a massa triga por farinha de fava e de arroz, misturadas em dose conveniente. A invenção de tão engenhoso cosmetico é attribuida á famigerada esposa de Néro, dama elegante que floresceu entre os annos de 54 e 68, antes da era christã, e á qual coube a honra de deixar o seu nome vinculado á *Popovana*, esse tão util invento! A tal argamassa, durante a noite, seccava, como bem deve suppôr-se, e, com os movimentos do corpo, estalava e abria fendas, por partes; imagine-se que hediondo aspecto não apresentaria a dama d'este modo mascarada, e se haveria homem assaz animoso que, de manhã, dando de rosto com aquelle espantallo, lograsse resistir á tentação de fugir por ali fóra, a sete pés. Devemos acrescentar que, em mais de um caso, a dama, antes de se deitar, punha de parte alguns pormenores essenciaes da sua pessoa, como, por exemplo, dentes, cabellos, sobrancelhas, e Deus sabe que mais, de modo que, no outro dia, ao despertar, devia, com toda a probabilidade, apresentar aspecto assaz parecido com o da cavéira que suggere ao nebuloso Hamlet, n'essa tão celebre scena do cemiterio, reflexões de character sublime e de tal modo transcendentas.

Erguendo a cortina que, n'essa época, suppria, no interior da casa, as portas de comunicação, a dama penetrava na sua recamara, ou guardaroupa, e chamava a aia ou covilheira, empregando processo identico áquelle com que em as nossas provincias, nos bailaricos campestres, as ageis

(1) Quando se deu o terremoto de 1755, offereceu logo a Junta do Commercio a el-rei, em nome da sua corporação, 4% percebidos de direitos de entrada nas alfandegas, com o nome de *Donatito*, para com este producto, cobrado e despendido pela mesma Junta, fazer as despesas da construcção das alfandegas e Praça do Commercio; o que com effeito se cumpriu; e d'elle igualmente soccorreu a Junta para o estabelecimento das referidas fabricas de lanificios.

e guapas cachopas suppre as castanholas, isto é, dava estalinhos com os dedos, visto como nenhum dos seus admiradores teria ainda tido a amavel dedicação de lhe poupar semelhante incommodo, mimoseando-a com o util invento da campainha electrica.

Juntamente com a covilheira apparecia uma escrava, a quem a dama transmittia as suas ordens, e por intermedio da qual admittia á sua presença (ou lhes aprazava audiencias) os fornecedores, os advinhos, as medianeiras em negocios do coração, ou as mensageiras e portadoras de missivas.

Para toda e qualquer visita d'outro genero, a dama, já se sabe, não estava visivel... não se levantára ainda, ou declarava estar incommodada.

O bom Ovidio, na sua «arte de amar» diz coisinhas de cabeça, commentando o facto de se manterem as damas rigorosamente incommunicaveis, durante a hora, ou horas, reservada ao seu toucador.

Conta o historiador Herodoto que, no Egypto, cada uma das secções do corpo femil era submettido aos cuidados de medico especial, e que este, com o maximo ciuime, constantemente evitava a invasão das suas attribuições por parte de qualquer dos seus collegas.

Certa dama de alto cothurno, em Roma, durante a época do baixo imperio, chegou a reunir, entre servas e escravas, um sequito de cerca de duzentas mulheres, quasi todas em idade juvenil, — isto sem prejuizo dos serviços do pessoal masculino — a cada uma das quaes competia função absolutamente especial e restricta.

As primeiras a entrar na recamara eram as que tinham a seu cargo preparar os perfumes, os cosmeticos e as variadissimas drógas e artificios mediante as quaes a dama rebocava e pintava o rosto. Esta, a todas chismava, impondo-lhe nomes exhoticos, fossem, muito embora, nascidas e creadas — e era este o caso mais frequente — nas aldeias e logarejos, suburbanos ou sertanejos — que, afinal, não ha nada novo n'este mundo, e senão, vejam como isto faz lembrar essas *amas alsacianas*, de toucado de laçarótes, avental de enfermeiro e feio balandrau ás costas, que, aos domingos, médem tão repetidas vezes o comprimento as ruas do jardim da Estrella, passeando os delicados nénés, de collaboração com o respectivo *mancipal* e que todas, mais ou menos, viram, pela vez primeira, a luz dia em Briteiros, em Louzada, Sarnache ou Vale das Raparigas, e quejandas localidades, com a melhor vontade d'este mundo um tanto dificeis de encontrar em qualquer mappa da Alsacia.

Digamos de passagem que a Cosmetica, essa tal arte ou sciencia dos arrebiques feminis, mereceu ao citado vate a honra de ser cantada em poema especial, de que hoje apenas restam os primeiros cem versos, e que, n'essas éras, andava até incluida na medicina.

Uma aia trazia em bacia de prata leite de burra, mugido na occasião e ainda tépido, e, outra, com uma esponja, lavava o rosto de sua ama, até que desapareciam quaesquer vestigios do decantado emplasto. O leite de burra era, já n'esse tempo, considerado como sendo remedio efficassimo, não só para as doenças de pulmão, como tambem applicado externamente nos casos de affecções cutaneas. As damas d'então depositavam nas virtudes d'este medicamento tamanha confiança, que, entre ellas, houve tal que chegou a usar d'elle setenta e tantas vezes por dia. A esposa de Néro, quando ia de jornada, levava em sua comitiva manada numerosa de burras que lhe forneciam leite para seus frequentissimos banhos.

Terminadas as primeiras abluções, o rosto da elegante era friccionado com sabonetes — ou coisa que com elles muito se deveria parecer — e perfumado, em seguida, com essenciaes preciosas e raras. Para as escravas ás quaes incumbia tão delicada operação inventára a veia satyrica popular o apodo de surradouras, estabelecendo approximação, de gosto assaz contestavel, entre as funções que exerciam e os processos que os mestreaes assim denominados applicavam na preparação dos cabedaes perfumados em que eram tallados os cothurnos, as sandalias e calúgas.

Competia a outra escrava o encargo de pintar de branco e vermelho as faces mais ou menos desbotadas de sua dóna. Antes, porém, de encetar sua artistica tarefa, tinha de submitter-se a uma prova indispensavel — bafejava a superficie a um espelho de metal polido, os unicos que então eram conhecidos — e dava-o immediatamente a cheirar á senhora. Esta, verificava, assim, se acaso a saliva da joven era ou não limpa ou de mau cheiro, e a escrava previnha-se para esta prova, mastigando em jejum certas pastilhas aromaticas. Semelhante precaução era adoptada pe-

lo facto dos cosméticos, antes da sua applicação, deverem ser préviamente reduzidos por meio de saliva. Existiam, até, tratados completos de receitas, entre as quaes figurava em larga escala a saliva.

As bocetas, as conchas e todo o apparatus, mediante o qual, repetindo a phrase de Hamlet, as damas, já em eras tão remotas, falsificavam a creatura de Deus, eram arrecadadas em riquissimos cofresinhos de marfim e cristal de rocha, que constituíam indispensavel accessorio no tocador de qualquer dama que se presava. O alvaia-de e certos ingredientes, preparados com substancias animaes e vegetaes, eram a base das operações, o apparatus, por assim dizer, da pintura ou rebôco. A tinctura acarmínada que servia para realçar a côr das faces era principalmente extrahida de certo musgo, que abunda, ainda hoje, no archipelago grego. O reino vegetal offerencia amplos recursos para a preparação de outras côres. O animal fornecia tambem vasto contingente

efficazes. Em muitos casos, porem, a tarefa que a escrava dentista verdadeiramente incumbia era a collocação dos dentes postiços, — a descoberta das dentaduras artificiaes de marfim, montadas em ouro é antiquissima, e era já conhecida 450 annos antes de Christo.

A dentista cedia agora o lugar a outra artista não menos importante, a *tintureira*. Desde que as phalanges romanas haviam invadido a Alemanha, entraram em moda os cabellos louros, em seus variados cambiantes, desde a côr do linho até ao ruivo afogueado. Aquellas a quem a natureza não houvera por bem conceder farta melêna da tão apetecida côr, appellavam para o auxilio da arte, valendo-se de expedientes assaz parecidos aos que, haverá para ahi uma duzia de annos, as damas punham em pratica, durante a época em que o terem cabellos louros foi dictame imperioso da moda.

Tal qual as nossas patricias, entraram pois as romanas a tingir, ou melhor diriamos, a estragar

crava, ajoelhada, lhe apresentava em riquissima salva.

N'estas alturas, fizera o seu ingresso no tocador a mestra cabelleireira, a cuja approvação era submettido o penteado, e que o retocava ou alterava a seu bel prazer, e em seguida, procedia a collocar os adornos de cabeça; rico diadema, corôa ou grinalda, conforme pedia o theor da artistica composição capilar.

Outra escrava, entretanto, apresentava á dama o rico espelho de metal burnido — unicos que então eram conhecidos — emmoldurado em marfim ricamente lavrado, embutido de metaes e adornado de pedras preciosas.

Está completo o penteado, terminada a toilette da cabeça: entra outra escrava, á qual incumbe tractar das unhas de sua senhora, e que passa a dedicar igual attenção e esmero ás das mãos e ás dos pés; servindo-se para esse fim de complicada e delicadissimo ferramenta — limas e faquinhas minusculas, tudo ricamente montado em metaes



INCENDIO DO BAZAR DE CARIDADE DA RUA «JEAN GOUJON», EM PARIS — ARROLAMENTO DAS JOIAS PELA POLICIA DEPOIS DO INCENDIO — (Vid. *Chronica Occidental*)

(Conforme desenho publicado pela *Illustration*)

n'esse sentido, citaremos, entre outros pigmentos, os que eram extrahidos da lâ de carneiro não lavada e que era, para esse fim, importada da Grecia, os dejectos do crocodilo, etc.

Concluindo o trabalho preparatorio, o rosto da beldade ficava, como se dissessemos, aparelhado, e era agora entregue á pericia d'outra escrava. Esta, armada d'um pincelinho finissimo, procedia á delicada operação de aformosear os sobr'olhos á dama, traçando acima das palpebras, em altura conveniente, um arco de circulo com um preparado de plumbagina ou de fuligem, desfeito em agua, e que trazia depositado n'uma conchinha. Este costume conservou-se até hoje na Turquia: a tinctura negra tem ali o nome de *surmé*.

Entrava agora em scena outra artista, — a escrava que tinha a seu cuidado conservar e embelezar a dentadura á sua senhora, e que lhe dava a mastigar um betume de pouca consistencia, um *mastique*, preparado de cêra e de almêga, destinado a tapar as cavernas e buracos dos queixaes avariados, e que em seguida lhe applicava aos outros dentes ainda em bom estado de conservação, afim de lhe restabelecer o brilho, diversos preparados mais ou menos engenhosos e

os seus bastos e longos cabellos escuros, cuja formosura ficou legendaria, transformando-lhe a côr por meio de pomadas exhoticas, sabão caustico e outros expedientes mais ou menos nocivos. Muito se generalizou tambem n'essa época o uso de cabelleiras postiças e de crêscêntes, para as quaes vinha d'alem do Rheno abundante sortimento de cabello louro. As precauções empregadas, durante a hora do banho, afim de preservar da humidade os cabellos postiços, davam lugar a episodios, por vezes assaz jocosos.

Levada a cabo a sua importantissima tarefa, entregava a *tintureira* a cabeça da sua senhora ás cabelleireiras auxiliares, cujas funções eram divididas por escala, — tinha uma a seu cargo frizar as madeixas á ama, imprimindo-lhes formas sempre variadas e caprichosas, e impregnar-lhe os cabellos de oleos e essenciaes preciosas, trazidas do extremo Oriente, á custa de mil perigos e trabalhos e a expensas consideraveis. Procedia em seguida outra escrava a entrançar os cabellos e a dispôr em engenhosissimas combinações o penteado de sua ama, imprimindo estabilidade á sua complicada composição architectonica com o auxilio de compridos alfinetes ou prégos de ouro, com cabeças de pedras preciosas, que outra es-

preciosos. O tratamento das unhas, mesmo nas classes menos favorecidas da fortuna, era invariavelmente entregue ao cuidado de outrem, e quem não tinha meios para pagar as visitas de um especialista, ia ao barbeiro.

Este pormenor da *toilette* era então tanto mais importante, porquanto o uso das luvas e das proprias meias era e foi, durante séculos, completamente desconhecido — apenas na estação dos frios rigorosos se usavam, para resguardo das mãos, envolveros de pelle, muito mais incompletos e imperfeitos, porém, do que a moderna luva.

Estava terminada a difficil e delicada operação, e a elegante, convenientemente arrebicada, era por dois gentis pagens egyptios transportada á liteira, andas ou palanquim, e seguida da numerosa comitiva de escravas, á frente das quaes figuravam os que traziam os perfumadores onde ardiam preciosas essenciaes, lá ia a passeio, a visitas, ou a qualquer dos outros futeis passatempos, em que gastava os ociosos dias.

P. S.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 p. 39